

Jornalismo e Censura: Vestígios da ditadura civil-militar brasileira no governo Bolsonaro¹

Brenda Mesquita Silva ALVES²
Nuno Manna Nunes Côrtes RIBEIRO³
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

Historicamente, a atividade jornalística sofre com a descredibilização e constante ataque a sua existência. No primeiro semestre de 2021 foram registrados 87 ataques a jornalistas vindos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Práticas como a censura velada a veículos de comunicação e a apologia a figuras marcantes da ditadura civil-militar brasileira eram comuns em seu mandato. Por isso, a pesquisa propõe uma análise contextual do seu governo, a fim de evidenciar como o político realizou atos próximos a tentativas de censura à imprensa, permitindo que ainda hoje, após 50 anos dos acontecimentos, ainda sejam observados vestígios da ditadura civil-militar no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Censura; ditadura, governo Bolsonaro; jornalismo; liberdade de imprensa.

INTRODUÇÃO

Na filosofia o conceito de liberdade pode ser compreendido como um direito ou local de fala, sendo que o livre arbítrio de cada indivíduo é resguardo, desde que suas opiniões e pensamentos não prejudiquem outro sujeito. Logo, compreende-se que a liberdade transcende o compreender jornalístico e entra em um campo filosófico. Devido a isso, ela não necessariamente deve estar atrelada à atividade de um comunicador, mas precisa ser repensada quando os assuntos pontuados envolvem

¹ Trabalho apresentado na IJO1 – Interfaces Comunicacionais do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia.
email: brendamesquita.ufu@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia.
email: nunomanna@gmail.com

interesses, sejam eles de cunho político, econômico ou social. Ser livre também pode ser entendido como a não dependência, de alguma pessoa, ou até mesmo do Estado. Intrinsecamente, o conceito de liberdade está ligado à justificativa de autonomia que cada ser humano possui.

O papel do jornalista vai muito além do informar. A sua atividade também está ligada à defesa dos interesses sociais, e à manutenção dos objetivos populacionais. O jornalismo tem como premissa esclarecer aos cidadãos informações que os afetam diretamente, possibilitando que eles pensem criticamente sobre elas. Para o intelectual Max Weber, esse profissional sempre será subestimado, mas por motivos que independem de suas ações.

O jornalista pertence a uma espécie de casta de párias, que é sempre estimada pela ‘sociedade’ em termos de seu representante eticamente mais baixo. Daí as estranhas noções sobre o jornalista e seu trabalho. Nem todos compreendem que a realização jornalística exige pelo menos tanto ‘gênio’ quanto a realização erudita, especialmente devido à necessidade de produzir imediatamente, e de ‘encomenda’, devido à necessidade de ser eficiente, na verdade, em condições de produção totalmente diferentes. (WEBER, 1996, p. 80)

O jornalista atua como um agente de mudança, entretanto, sua concepção não deve se abster da ideia romântica de “cão de guarda da sociedade”. Ao se posicionar favorável a essa ideia, o jornalista assume uma posição de privilégio comparado às demais profissões. Por isso, teóricos como Kovach e Rosenstiel (2003) elencam alguns dos papéis fundamentais desses profissionais para que haja um exercício ideal do jornalismo.

A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2 Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.22-23)

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Eleito em segundo turno no ano de 2018, Jair Bolsonaro já foi ex-artilheiro do exército brasileiro e sempre se fez presente na mídia com manifestações polêmicas, dentre elas, especialmente, o tratamento com a imprensa. Tais posicionamentos foram parte dos motivos que o fizeram chegar ao posto de presidente da república. Quando eleito, o ex-presidente passou a apresentar ideias que se alinhavam com as mesmas crenças do regime militar de 1964. Entre elas, evidenciam-se os constantes ataques a comunicadores, a censura "velada" a jornalistas e a descredibilidade frente a diversos veículos de comunicação.

Segundo um levantamento realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), apenas no ano de 2021 foram registrados 430 casos de ataques a jornalistas no Brasil. Neste ano, Bolsonaro estava em pleno exercício do cargo, e alguns dos registros dos ataques são justamente provenientes de falas do presidente e seus filhos.

Em um dos episódios registrados, o ex-presidente Jair Bolsonaro realizou um ataque à jornalista Vera Magalhães em uma transmissão de vídeo nas redes sociais. Tal atitude era comum para o ex-governador e seus apoiadores no governo, que ficaram conhecidos popularmente como “Gabinete do ódio”. Na ocasião em questão, a comunicadora cedeu uma entrevista ao jornal O Estado de São Paulo e revelou que Bolsonaro veio a convidá-la para uma manifestação antidemocrática, ato este em que a jornalista optou por não participar. Para além disso, Vera ainda veiculou a informação na mídia para mostrar o desserviço que estava sendo planejado por Jair Bolsonaro. Após o acontecido, o ex-presidente fez uma live para atacá-la, e em suas palavras se tratava de “Mais um trabalho porco, que toda a mídia reproduziu”. A jornalista ficou extremamente ofendida, e, posteriormente, em reportagem para a revista Marie Claire em 14 de julho de 2020, contou que mesmo com o seu antigo posicionamento favorável em relação ao governo, ela jamais compactuou ou compactuaria com a disseminação de notícias falsas e atos antidemocráticos.

Este não foi um caso isolado, ao decorrer do seu mandato o ex-artilheiro do exército colecionou atos antidemocráticos ligados à liberdade de imprensa. A organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF) realizou uma pesquisa em julho de 2021, que elencava as vezes em que o ex-presidente atacou a imprensa no período de um ano. Foram 87 registros apenas no primeiro semestre de 2020, e em sua maioria, foram

agressões contra jornalistas feitas pelas redes sociais. Em um índice geral, 56,62% através das lives oficiais do presidente, 21,86% pelo Twitter e 19,54% em aparições públicas.

Para Grossberg existem muitas formas de prática intelectual e muitas maneiras de entender contextos, e que no mundo contemporâneo os movimentos e as lutas sociais também constituem locais de produção de saber (2012, p. 53). Sendo assim, sabendo que a luta de comunicadores e jornalistas foi constante durante o mandato de Bolsonaro, infere-se que enquanto houver luta à repressão e à censura mascarada também existirá produção de saber. Produção essa que está intimamente ligada ao poder de modificar essa realidade.

METODOLOGIA

A pesquisa é definida como qualitativa, pois irá trabalhar com um universo que não pode ser mensurado de maneira numerológica. Ela ainda é apresentada como uma análise contextual da atividade jornalística durante os quatro anos de mandato de Jair Bolsonaro. Neste caso, serão interpretados ataques a jornalistas entre os anos de 2018 e 2022 e a relação de Jair Bolsonaro com a imprensa enquanto esteve no poder.

Uma vez que, observar é perceber cuidadosamente um objeto, uma ação na qual o pesquisador sabe o que quer analisar e por quê (DÍAZ, 2011), a pesquisa também utiliza o método observacional, o que dá autonomia para o observador determinar quais serão as técnicas abordadas. A pesquisa também pode ser caracterizada como descritiva.

São duas etapas de análises:

I. A primeira destinada ao levantamento de dados utilizados ao decorrer da pesquisa, como a definição do que é o ser e o agir político, como a contemporaneidade é afetada pelo contexto histórico do passado e qual é o papel do jornalista ao relembrar tais acontecimentos.

II. No segundo momento a análise contextual será feita com base em dois objetos de estudos, que são:

A. O ataque de Bolsonaro à jornalista Vera Magalhães em uma transmissão de vídeo nas redes sociais.

B. Como a figura de Bolsonaro na presidência deteriorou a liberdade de imprensa no Brasil.

Os dois objetos foram selecionados porque representam diferentes maneiras de retratar como a censura se reconfigurou na atualidade durante o mandato de Bolsonaro. No primeiro deles, falaremos sobre o ataque direto a uma jornalista que antes seria considerada como simpatizante do governador. Posterior a isso, será enfatizado como a memória distorcida sobre a ditadura do ex-governante foi exposta para a população brasileira, exacerbando o sentimento nacionalista em muitos conservadores que o apoiavam.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Partindo do pressuposto de que onde cresce o autoritarismo não se crescem liberdades, a pesquisa, ainda em andamento, busca analisar como a opressão coexistiu com a atividade jornalística entre os anos de 2018 e 2022. Logo, a finalidade é relacionar a censura aos meios de comunicação durante o governo Bolsonaro ao cenário sociopolítico contemporâneo do país, evidenciado como algumas ações do ex-governador e seu modelo de governança abriram espaço para a pauta de coexistência de ataque à liberdade de expressão e atividade jornalística, mais uma vez.

O governo Bolsonaro teve como matriz cultural a ditadura e celebrou este momento da história brasileira com fervor, além da sua figura principal ser um simpatizante que vem de um partido herdeiro da ditadura civil-militar brasileira. A pesquisa busca analisar a censura e como ela se categoriza nos dias atuais, mostrando como esse ainda é um tema que nos transpassa, ainda que pensemos que não. Para além disso, propõe, ainda, explicitar como a censura não está de fato concretizada e escancarada na contemporaneidade, mas ainda pode-se observar os seus vestígios quando implicitamente semelhantes ao fascismo atacam jornalistas e apagam dados que, em tese, deveriam estar em posse da população brasileira.

REFERÊNCIAS

WEBER, Max. A Política como Vocação. In: WEBER, Max. **Ciência e Política**, Duas Vocações. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. p. 79-84.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. Geração Editorial, São Paulo, 2003.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

GROSSBERG, L. WARTELLA, E. & WHITNEY, D. Representing identities. In: MediaMarking. Londres, Sage Publications, 1998

MARTINS, Gizele; LIRA, Isadora. **Relatório Direito à Comunicação no Brasil 2021.** Bolsonaro é o maior violador de direitos de comunicadores/as no país. 2022. p. 19-25. Disponível em: intervozes.org.br/publicacoes/relatorio-direito-a-comunicacao-no-brasil-2021/